

## **AUTO AVALIAÇÃO: Uma experiência pedagógica.**

Sara Izabel do Amparo

Quando diz para que seja feita uma auto avaliação uma série de questionamentos vem à memória. Mereço nota alta? Ou razoável? Baixa... nem tanto. Então se torna necessário apontar alguns elementos primordiais que justificam a nota que acredito ser merecedora.

Inicialmente, as aulas de Didática e Prática de Ensino tem sido pra mim um momento de debate sobre as novas perspectivas no ensino de Geografia no Ensino Fundamental e principalmente no Ensino Médio, além de se tornar um momento de desabafo de todos nós que estamos realizando o estágio ou que já estamos atuando na nossa área.

A experiência que tive esse ano no Ensino Médio foi indiscutivelmente frustrante e desanimadora, porque quando eu comecei a observar as aulas ministradas e altamente planejadas, pela professora regente na escola campo e o desinteresse parcial, pra não dizer total dos discentes, me fez questionar como será daqui a alguns anos quando os alunos de hoje se tornarem “profissionais” amanhã.

Isso me fez perder um pouco a minha paixão/dedicação à educação. Não que eu não queira mais me tornar professora, porque isso eu quero e amo muito, mas o descaso existente nas aulas do ensino médio é muito grande, tiram-se menos de 20%, de um total de 40 alunos, os que realmente querem alguma coisa, que tem objetivo. Isso sem mencionar que o relacionamento entre professor/aluno nesta fase é muito turbulenta e conflituosa, devido (acredito que seja) principalmente a idade deles.

Eles então se veem no direito de ser mal educado com o professor, discutir, xingar, e em algumas ocasiões até proferir ameaças. Ou seja, é muito difícil conduzir e extrair bons frutos de uma turma assim. Outra coisa que também merece destacar seria o número de avaliações que as professoras têm que realizar caso o aluno não alcance a média mínima, sinceramente, é repugnante isso. Pois o número de oportunidade que os alunos têm deve ser o mesmo para todos, mas o fato de não poder reprovar “ninguém”, ou até mesmo a tentativa de “livrar-se” de algum aluno é ultrajante e desmerecedora.

Outro destaque meu, (há quem discorde) é que no ensino fundamental a situação é outra, totalmente diferente, porque os alunos além de ser menores/mais novos, eles veem o professor como superior a eles e por isso o respeito é maior, eles são mais atenciosos e demonstram maior dedicação, interesse e participação. Isso faz com que a aula seja produtiva e o professor se sinta a vontade para não apenas elaborar atividades diferenciadas, mas também para cobrar mais dos alunos e instiga-los a ir além, isso sem mencionar a realização pessoal desse professor, o sentimento de missão cumprida.

Não sei se foram as aulas ministradas no curso, ou a experiência que estou tendo tanto na escola campo quanto no trabalho, mas percebi que ser professor é uma tarefa meio que “missão impossível”, onde os questionamentos, a cobrança da instituição, os recursos disponíveis, a falta de interesse dos alunos, e ainda as péssimas condições/políticas que favorecem o professor são indiscutivelmente as piores possíveis. Contudo, vale a pena enfrentar todos esses obstáculos e procurar ir além apesar de todos os empecilhos, pois ensinar é um ato gratificante, realizador e totalmente prazeroso.

---

**SARA IZABEL DO AMPARO é graduanda do 4<sup>a</sup> ano do curso de Licenciatura em Geografia, pela Unidade Universitária de Ciências Sócio Econômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás, no município de Anápolis / GO. – sara-geo@hotmail.com**